

UM ESTUDO SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM *o remorso de baltazar serapião*, DE valter hugo mãe¹

Penélope Eiko Aragaki Salles (USP)

Prof^a. Dr^a. Aparecida de Fátima Bueno (USP)

Resumo: As desigualdades entre os gêneros reforçam uma estrutura social injusta entre os homens e mulheres, que validam a superioridade de um sobre outro. E como forma de manutenção de um status ou ordem, atribuem poderes desiguais aos gêneros e uma distribuição diferente de direitos e deveres. Mesmo em ambientes em que se pressupõe igualdade, é possível encontrar a diferença na distribuição do poder entre homens e mulheres. É preciso ressaltar que a dinâmica dessas relações é recortada por uma assimetria que, inclusive, leva à violência. Sendo recorrente a prática de ações violentas contra as mulheres nas sociedades em que predominavam essas relações. Tendo isso em vista, o presente artigo pretende analisar como a violência contra mulher é construída e justificada no romance *o remorso de baltazar serapião* do escritor português valter hugo mãe. Pretendemos mostrar a violência de maneira panorâmica, e analisar algumas situações em que a violência acontece, especificamente a violência psicológica, física e sexual. Através do relato de baltazar serapião entramos em contato com um universo peculiar em que os abusos e a exploração sexual pelos homens, a violência e a opressão contra as mulheres são constantes e ganham contornos absurdos e cruéis. Para analisar tais aspectos, partimos dos estudos de Joan Scott, Judith Butler e outros pesquisadores sobre o tema. Além dos importantes estudos de Mikhail Bakhtin, Wolfgang Kayser, Jean Delumeau e outros.

Palavras-chaves: valter hugo mãe. violência contra a mulher. literatura portuguesa contemporânea.

Introdução

Para Joan Scott (1989, p.21), “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. Nesse sentido, a teoria de gêneros delimita também o poder entre os sexos, ou melhor, na desigualdade de poder que perpassa as relações entre eles.

As desigualdades entre os gêneros reforçam uma estrutura social injusta entre os homens e mulheres, que validam a superioridade de um sobre outro. E como forma de

¹ O nome do romance, do autor e dos personagens constam em letras minúsculas conforme as edições publicadas do livro e, para manter a coerência, optamos por mantê-las dessa forma ao longo do trabalho. De acordo com as normas da ABNT, usaremos letra maiúscula no nome do autor apenas nas referências e nas citações.

manutenção de um *status* ou ordem, atribuem poderes desiguais aos gêneros e uma distribuição diferente de direitos e deveres. Mesmo em ambientes em que se pressupõe igualdade, é possível encontrar a diferença na distribuição do poder entre homens e mulheres. É preciso ressaltar que a dinâmica dessas relações é recortada por uma assimetria que, inclusive, leva à violência. (DEBERT, 2008, p.178)

Ceci Vilar Noronha (1991, p.227) considera que

Uma interpretação mais genérica para a violência que toma a mulher como alvo relaciona os atos violentos à condição de inferioridade que o sexo feminino ocupa na sociedade. Esta condição é socialmente constituída via geração de ideias, valores e crenças que legitimam um padrão de relacionamento assimétrico entre os homens e as mulheres. A ideologia de gênero tem como racionalidade própria a superioridade masculina que, ao ser afirmada, reafirma, simultaneamente, a inferioridade feminina.

Para a pesquisadora, a condição de inferioridade atribuída ao sexo feminino é uma construção cultural e social e a sociedade serviu-se desse discurso para transformar as diferenças em desigualdades hierárquicas, com o intuito de explorar e oprimir a mulher. Assim, para obter a força produtiva e reprodutiva das mulheres, a prática de ações violentas era recorrente nas sociedades em que predominavam as relações assimétricas de poder.

Nesse sentido, ao analisarmos a violência nas relações entre os indivíduos não podemos ignorar o contexto em que ela acontece e quais são as relações de poder que a permeiam. E, apesar do romance a ser analisado ser uma obra contemporânea (*o remorso de baltazar serapião* foi publicado em 2006), temos que considerar que a história evoca um período longínquo no tempo, que se assemelha à Idade Média, e remete a relações entre senhores e servos, homens e mulheres. Relações em que a concepção de igualdade social entre os sujeitos não existia.

valter hugo mãe² constrói um universo complexo no qual as relações se pautam pela excepcionalidade e expõe uma mentalidade opressora, sobretudo em relação às mulheres, ainda bastante presente nos dias atuais.

² Escritor português que nasceu em Saurimo, Angola. Passou a infância em Paços de Ferreira e Vila do Conde, Portugal. Licenciou-se em Direito e fez uma pós-graduação em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Além de escritor é editor, artista plástico, apresentador de televisão e cantor português.

O enredo trata das memórias de Baltazar Serapião, um jovem simples, brutalizado pelas condições precárias de vida, que almejava casar-se com Ermesinda, sua paixão de adolescência. No entanto, depois dos dois terem se casado, a jovem foi obrigada a trabalhar na casa do senhor de Baltazar, Dom Afonso. Certo de que sua mulher o traía com seu senhor, Baltazar passou a empregar a violência física contra ela.

A violência é banalizada no romance e, como prática constante, considerada normal entre as personagens. Embora o romance faça referência a um passado longínquo (Idade Média), período em que muitas práticas violentas não eram consideradas crimes, acreditamos que seja importante analisar os diferentes tipos de violência. Tendo em vista que

Crime implica a tipificação de abusos, a definição das circunstâncias envolvidas nos conflitos e a resolução destes no plano jurídico. Violência, termo aberto aos contenciosos teóricos e às disputas de significado, implica o reconhecimento social (não apenas legal) de que certos atos constituem abuso, o que exige decifrar dinâmicas conflituosas que supõem processos interativos atravessados por posições desiguais entre os envolvidos. (DEBERT, 2008, p.176)

Então, para melhor compreender como a violência contra a mulher aparece na obra, dividiremos a análise em três categorias: violência psicológica, violência física, violência sexual.

Violência psicológica

Em seu relato, Baltazar expõe o ódio e a aversão às mulheres ao ridicularizá-las, criticando diretamente alguma característica muito evidente e conhecida delas ou ao depreciar as atitudes, as ações e os comportamentos delas, empregando muitas vezes palavrões e insultos.

Temos já nas primeiras linhas do romance, a repulsa ao gênero feminino:

a voz das mulheres estava sob a terra, vinha de caldeiras fundas onde só o diabo e gente a arder tinham destino. a voz das mulheres, perigosa e burra, estava abaixo de mugido e atitude da nossa vaca, a sarga, como lhe chamávamos. (MÃE, 2011, p.11)

baltazar descreve a voz das mulheres como perigosa e burra e diz que ela estava abaixo do mugido da vaca, ou seja, o animal recebe um tratamento mais humano que as mulheres.

É importante ressaltar que, diferentemente das mulheres, a vaca sarga recebe um tratamento diferenciado “era uma vaca como animal doméstico, mais do que isso, era a sarga, nosso nome, velha e magra, como uma avó antiga que tivéssemos para deixar morrer com o tempo que deus lhe desse” (MÃE, 2011, p.29). É notável essa inversão de papéis. O tratamento dado à vaca é melhor que o oferecido a um animal doméstico, visto que lhe é dado o nome da família “sarga” e ela é comparada com uma avó antiga, isto é, um ente da família.

Ao afirmar que a voz delas vinha de caldeiras fundas onde só o diabo e a gente a arder tinha destino, baltazar associa a figura da mulher com o diabo, um arquétipo literário recorrente no imaginário medieval. O interesse pelas forças demoníacas não é casual, visto que

o humano e o demoníaco se aproximam no curso da transformação dos arquétipos mitológicos, o princípio demoníaco penetra no homem, e por vezes os limites entre o humano e o demoníaco, e, correspondentemente, também entre o fantástico e o habitual se apagam (esta tendência é peculiar ao romantismo). (MELETÍNSKI, 1998, p.192)

Desse modo, ao descrevê-las, compara-as aos animais, aos seres demoníacos ou figuras ligadas ao diabo. Este é o caso da personagem teresa diaba. O fato de teresa apresentar a alcunha “diaba” está diretamente ligada a tudo de terrível que a figura do diabo representa, inclusive, ao seu poder demoníaco. baltazar assim apresenta teresa:

a teresa diaba era quem vinha muito por mim. parecia uma cadela no cio, farejando, aninhada pelos cantos das árvores e dos muros, à espera de ser surpreendida por macho que a tivesse. era toda carne viva, como ferida onde se tocasse e fizesse gemer. abria-se como lençóis estendidos e recebia um homem com valentia sem queixa nem esmorecimento. era como gostava, total de fúria e vontade, sem parar, a ganir de prazer. (MÃE, 2011, p. 27-28)

Ao descrevê-la, astuciosamente a compara com uma cachorra (cadela no cio, farejando, ganir). Podemos dizer que a cadela, por si só, não constitui um elemento

grotesco³, mas a sua associação com a mulher pode ser considerada grotesca. Comparando-a com uma cadela, ele fala de seu comportamento vulgar de maneira a rebaixá-la⁴, colocá-la a uma condição de inferioridade acentuando a diferença entre ambos.

Observe o trecho abaixo:

(...) não queria mais nada senão esses ocasionais momentos, estropiada da cabeça, torta dos braços, feia, ela só servia de mamas, pernas e buracos, calada e convicta, era como um animal que fizesse lembrar uma mulher, servia assim como melhoria de uma vez que tivéssemos de fazer com a mão. (MÃE, 2011, p. 27-28, grifo nosso)

A sua descrição foge da representação da idealização da mulher. Ela evoca a imagem de um ser grotesco que desperta repulsa e desprezo naquele que a contempla. Embora os seus atributos físicos não despertem desejo, é usada como objeto sexual para satisfazer as necessidades dos homens.

Além disso, as referências dela no romance são extremamente depreciativas: “estropiada da cabeça, torta dos braços, feia, ela só servia de mamas, pernas e buracos”. Ao desumanizar o corpo dela e dar-lhe um aspecto disforme, reforça de forma gradual a sua animalização.

Os exemplos acima expressam claramente a violência psicológica contra as mulheres, visto que as ações descritas por Baltazar visam “(...) a causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa” (BRASIL, 2001, p.20). A violência psicológica não deixa marcas visíveis no corpo, mas emocionalmente pode ser mais destruidora que outros tipos de violência. Nos trechos citados, temos algumas manifestações como: humilhação (parecia uma cadela no cio, farejando, aninhada pelos cantos das árvores e dos muros, à espera de ser surpreendida por macho que a tivesse), desvalorização (servia assim como melhoria de uma vez que tivéssemos de fazer com a mão), ridicularização (calada e convicta, era como um animal que fizesse lembrar uma

³ O termo grotesco originou-se a partir da descoberta de pinturas ornamentais em escavações em Roma no fim do século XV e surgiu da palavra italiana *grotta* (gruta). Estas pinturas apresentavam a união de formas vegetais, animais e humanas e caracterizou-se por apresentar formas híbridas com certa liberdade, sem delimitações claras ou fronteiras definidas. Este tipo de estilo ornamental apresentava uma distorção nas proporções e uma quebra de simetria; mostrava um caráter lúdico, fantasioso mas também sinistro e lúgubre. (KAYSER, 1986, p.17).

⁴ Esse rebaixamento não estaria relacionado ao rebaixamento abordado por Bakhtin (2013) pois não apresenta um caráter ambivalente, e restaurador da ordem, tal qual o mundo às avessas da Idade Média.

mulher), insultos constantes (estropiada da cabeça, torta dos braços, feia, ela só servia de mamas, pernas e buracos), etc.

Violência física

Apesar da violência não ser bem vista na comunidade, ela era bem tolerada em alguns ambientes no romance, como na família de Baltazar. Ao crescer num ambiente em que essa prática era comum via a agressão contra sua esposa como algo normal⁵ e acabava por reproduzir o modelo de comportamento masculino passado pelo pai.

Assim como Baltazar, o pai ao desconfiar da traição e de uma suposta gravidez, agrediu a mulher.

(...) e depois ela cansou-se e sentou-se na terra um pouco, sobre o pé torto a pensar. que pensará, perguntámo-nos. que pensará a tua mãe grávida. e eu respondi, em como deixar de o estar à pressa, porque à pressa o meu pai a põe meio a meio na corda só a secar de sangue. achas que faria tal coisa, perguntou o Teodolindo. tenho tanta certeza que até já o vejo, uma lâmina na mão e de um só golpe fá-la em morta. e isso não pode ser prevenido, Baltazar, achas que isso não pode ser prevenido. e eu respondi, não. vai ser assim porque o meu pai precisa. (MÃE, 2011, p.69)

Segundo Baltazar, era preciso punir o crime da mãe, que traía o pai e engravidara de outro ainda mais depois de velha. Isso causara um sentimento de humilhação e de vergonha ao pai em ter exposta a “traição” dessa forma. Para o jovem, o pai estava fazendo aquilo que era preciso em nome da honra da família⁶. De acordo com essa ideologia, o marido que mata a esposa por causa de ciúme ou suspeita de traição tem a razão, não precisa de uma justificativa para ação.

A seguir um dos trechos que mostra quão atroz foram as agressões empregadas contra a mãe de Baltazar:

⁵ “A reincidência acontece em praticamente metade dos casos de atendimento feminino (49,2%), especialmente com as mulheres adultas (54,1%) e as idosas (60,4%). A violência contra a mulher é mais sistemática e repetitiva do que a que acontece contra os homens”. (WASELFSZ, 2015, p.51)

⁶ De acordo com a Lei 13.104/2015, “existe feminicídio quando a agressão envolve violência doméstica e familiar, ou quando evidencia menosprezo ou discriminação à condição de mulher, caracterizando crime por razões de condição do sexo feminino. Devido às limitações dos dados atualmente disponíveis, entenderemos por feminicídio as agressões cometidas contra uma pessoa do sexo feminino no âmbito familiar da vítima que, de forma intencional, causam lesões ou agravos à saúde que levam a sua morte.(...) Classificado como crime hediondo e com agravantes quando acontece em situações específicas de vulnerabilidade (gravidez, menor de idade, na presença de filhos, etc.)” (Ibid., p.7)

e o meu pai decidiu tudo nesse momento, que, se o curandeiro já não a salvaria, nem salvação merecia. e foi no dia em que o povo se preparava para queimar mulher que se portara mal que o meu pai rebentou braço dentro o ventre da minha mãe e arrancou mão própria o que alguém ali deixara. e gritou, serás amaldiçoado para sempre. depois estalou-o no chão e pôs-lhe pé nu em cima, sentindo-lhe carnes e sangues esguicharem de morte tão esmagada. e, como se gritava e mais se fazia confusão, mais se apagava a minha mãe, rápida e vazia a fechar olhos e corpo todo, não mais era ali o caminho para a sua alma, não mais a ela acederíamos por aquele infeliz animal que, morto, seria só deitado à terra para que desaparecesse. (MÃE, 2011, p.75, grifo nosso)

O pai de baltazar violentou a esposa de tal forma (rebentou braço dentro o ventre da minha mãe e arrancou mão própria o que alguém ali deixara) que, devido às graves lesões sofridas, ela não resistiu e acabou morrendo. O suposto “feto” evidenciaria a presença de outro homem em seu lugar e a única forma de retomar o seu espaço (de forma simbólica) seria arrancá-lo a força do ventre da mulher e depois ser esmagado por ele (depois estalou-o no chão e pôs-lhe pé nu em cima, sentindo-lhe carnes e sangues esguicharem de morte tão esmagada). Podemos observar neste trecho o grotesco e o escatológico, quando são expostas as partes do corpo e excrescências que se abrem para o mundo (carnes e sangues). Diferentemente das considerações de Mikhail Bakhtin (2013) sobre o grotesto na cultura popular, neste contexto expressar a vida material e corporal é considerado grosseiro e repulsivo pela brutalidade da ação e aqui o grotesco adquire tons sombrios e lúgubres.

Depois que o pai matou sua mãe⁷, baltazar considerava que o pai tinha como missão limpar a alma da mãe dos pecados e ele faria o mesmo se lhe ocorresse caso similar. De acordo com Arruda (2013, p.33),

A mãe de baltazar está presente na narrativa como um ser passivo. Sua principal virtude é ser obediente e submissa ao marido afonso. Ela está ali como uma escrava, sobre a qual o marido possui poder absoluto e inquestionável, reservando-se, inclusive, o direito de castigá-la e decidir pela sua morte. A mãe de baltazar possui as mesmas deformações que, mais tarde, ermesinda possuirá. Ela não enxerga bem e caminha com dificuldade devido ao pé torto.

⁷ No ano de 2013, pode-se estimar que dos “4.762 homicídios de mulheres registrados pelo SIM, 2.394, isso é, 50,3% do total nesse ano, foram perpetrados por um familiar da vítima. 1.583 dessas mulheres foram mortas pelo parceiro ou ex-parceiro, o que representa 33,2% do total de homicídios femininos nesse ano. Nesse caso, as mortes diárias foram 4”. (WAISELFISZ, 2015, p.70)

Tanto ele quanto o seu pai utilizam a força contra as mulheres como uma maneira corretiva e punitiva por ações consideradas reprováveis por eles. Dessa forma, podemos considerar como exemplos da violência física, pois “quando uma pessoa, que está em relação de poder em relação a outra, causa ou tenta causar dano não acidental, por meio do uso da força física ou de algum tipo de arma que pode provocar ou não lesões externas, internas ou ambas” (BRASIL, 2001, p.17). As agressões físicas se manifestam de várias maneiras nos trechos citados como: entortadas de pés (ela cansou-se e sentou-se na terra um pouco, sobre o pé torto a pensar), lesões graves (rebentou braço dentro o ventre da minha mãe e arrancou mão própria o que alguém ali deixara) até finalmente culminar na morte da mulher (mais se apagava a minha mãe, rápida e vazia a fechar olhos e corpo todo, não mais era ali o caminho para a sua alma).

Esses atos de extrema crueldade e violência, em nenhum momento são questionados pelas personagens da família de Baltazar, sendo considerados aceitáveis e parte da realidade deles, enquanto que provoca em nós, leitores, uma grande inquietação e perplexidade.

Violência sexual

Uma das formas de reforçar a masculinidade é através da sexualidade. Ao descobrir que o irmão mantinha relações sexuais com a vaca sarga, Baltazar o desculpa por este ser ainda jovem e inexperiente sexualmente e o incentiva a praticar sexo com mulheres consideradas “fáceis”, como a Teresa Diaba.

e eu contei-lhe da Teresa Diaba, melhor do que pudesse ocorrer-lhe um dia sem preparo, e de como estaria eu ali de mãos para lavar, a cheirar a ela de tanto me ter metido lá dentro, e assim deveria ele aguentar-se em euforias que lhe viessem. disse-lhe claramente, numa qualquer euforia, apanha-la distraída por aí, sem deixares os outros verem demasiado, e põe-lhe as mãos no cu para que perceba ao que vais, não vá enxotar-te sem paciência, e alivias-te, que para isso a sustentam por aqui. (MÃE, 2011, p.37)

Nesse sentido, este trecho evidencia o ato de violência praticado contra a mulher, visto que Baltazar explica ao irmão como se aproveitar da distração de Teresa Diaba para se satisfazer sexualmente sem o consentimento dela. Aproveitar-se da mulher quando ela estivesse distraída era considerada uma oportunidade de provar sua virilidade. Ao contar

esse episódio, percebemos que esta era uma prática comum não só dele mas também de outros homens.

O discurso de Baltazar nos chama atenção quando ele afirma que se apropriará do corpo de Teresa Diaba, pois:

O ato da imposição sexual ganha aqui claramente a figura metafórica da imposição de poder, não somente sobre um corpo de mulher, mas sobre uma determinada mulher, pensada como pessoa. (MACHADO, 1998, p.239)

A posse do corpo da mulher serviria como uma reafirmação da identidade masculina e, de certa forma, teria um efeito simbólico de colocar a mulher num lugar de submissão em relação ao homem.

Assim, Baltazar considera natural apoderar-se do corpo de Teresa Diaba já que ela era “usada” por todos os homens da comunidade e estava “disponível” para satisfazer os desejos sexuais deles. Para ele, Teresa Diaba era uma mulher que sequer precisava seduzir, já que ela não mostrava nenhum tipo de resistência, que se oferecia sem contestação aos homens da comunidade.

Podemos considerar o ato praticado contra Teresa Diaba como uma violência sexual, visto que

toda a ação na qual uma pessoa em relação de poder e por meio de força física, coerção ou intimidação psicológica, obriga uma outra ao ato sexual contra a sua vontade, ou que a exponha em interações sexuais que propiciem sua vitimização, da qual o agressor tenta obter gratificação. (BRASIL, 2001, p.18)

No trecho citado, podemos observar que ela se manifesta de várias formas como: carícias não desejadas, como toque em partes do corpo, inclusive os órgãos sexuais (pões-lhe as mãos no cu para que perceba ao que vais); contato sexual através da penetração oral, anal ou genital, com pênis ou objetos de forma forçada (um dia sem preparo, e de como estaria eu ali de mãos para lavar, a cheirar a ela de tanto me ter metido lá dentro); ser forçada a ter relações sexuais com outras pessoas (não vá enxotar-te sem paciência, e alivias-te, que para isso a sustentam por aqui [...] apanha-la distraída por aí, sem deixares os outros verem demasiado).

Considerações finais

Segundo Miguel Vale de Almeida em *Senhores de Si* (1995, p.242),

A relação entre feminino e masculino não é como as duas faces de uma mesma moeda, mas sim assimétrica e desigual. Legitima uma forma de dominação, em que o gênero da pessoa marca ascendência ou submissão social, à semelhança da classe social, da idade, do status. Mas é uma forma de ascendência social que se reproduz na base de um processo de naturalização: a desigualdade entre homens e mulheres não é vista como um processo social mas como uma realidade ontológica. Os dominadores não têm ‘complexo de culpa’, as (os) dominadas (os) resignam-se.

A violência presente no romance confirma essa relação assimétrica, ao revelar uma relação de subordinação e dominação entre os parceiros. Ao pressupor que um gênero domina (masculino) e o outro (feminino) é subordinado a ele.

O uso recorrente da violência era uma forma de legitimar e manter o poder e a “ordem”. Na sociedade medieval, os homens ditavam as leis e queriam impor suas ordens e desejos na vida dos outros, seja através de uma hierarquia social (dom afonso), seja através da força bruta (pai de baltazar, aldegundes).

Acreditamos que o autor pretendia provocar a aversão e repulsa no leitor como forma de chamar atenção para um comportamento violento do ser humano ainda muito presente nos dias atuais.

E para finalizar, uma importante consideração: “Para Wittig, a linguagem é um instrumento ou utensílio que absolutamente não é misógino em suas estruturas, mas somente em suas aplicações”. (apud. BUTLER, 2003, p.50)

Portanto, podemos dizer que a linguagem por si só não é contra as mulheres mas ela pode ser usada com essa finalidade. baltazar, através de seu relato, usa um discurso permeado de repulsa e de hostilidade contra as mulheres, sentimentos alimentados pelo homem durante séculos. (DELUMEAU, 2009, p. 462). Ao usar esse discurso, ele tenta oprimir, subjugar e, de certa forma, silenciar não só ermesinda mas também todas as outras mulheres do romance. Acreditamos que para representar tão grande opressão e violência, valter hugo mãe usou esse viés.

Referências

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de Si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa, Fim de século, 1995.

ARRUDA, Joilson Mendes. **O sociológico e o insólito em o remorso de baltazar serapião, de Valter Hugo Mãe**. In: Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários à Universidade Federal de Rondônia – Unir, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar**: orientações para prática em serviço / Secretaria de Políticas de Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 2003.

DEBERT, Guita Grin; GREGORI, Maria Filomena. Violência e gênero: novas propostas, velhos dilemas. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 23, n. 66, p. 165-185, Fev. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092008000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 de set. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092008000100011>.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente 1300-1800**: Uma cidade sitiada. (tradução Maria Lucia Machado, tradução de notas Heloísa Jahn). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

KAYSER, Wolfgang. **O grotesco**: Configuração na pintura e na literatura. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidade, sexualidade e estupro: as construções da virilidade. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 11, p. 231-273, jan. 2013. ISSN 1809-4449.

Disponível em:

<<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634634>>.

Acesso em: 15 set. 2016.

MÃE, Valter Hugo. **o remorso de baltazar serapião**. 2 reimpressão. São Paulo: Ed. 34, 2011.

MELETÍNSKI, E. M. **As transformações dos arquétipos na literatura russa clássica**. In: Os arquétipos literários. Tradução Aurora F. Bernardini, Homero Freitas de Andrade e Arlete Cavaliere. São Paulo, Ateliê Ed., 1998.

NORONHA, Ceci Vilar; DALTRO, Maria Esther. A violência masculina é dirigida para Eva ou Maria?. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 7, n. 2, p. 215-231, Jun 1991. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1991000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 de set. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1991000200007>.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade** (Tradução: Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila). Porto Alegre, 16 (2), jul-dez 1990, pp. 5-22

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015. Homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília, 2015.